



"O INVESTIMENTO PORTUGUÊS NO REINO UNIDO DISTINGUE-SE PELA QUALIDADE"

O Reino Unido é o mercado mais aberto da Europa, oferecendo oportunidades em sectores como as renováveis, software ou reciclagem. A "chargé d'affaires" da Embaixada Britânica revela que 80 empresas portuguesas já atravessaram o Canal da Mancha, destacando-se pelo investimento de base tecnológica. Em sentido inverso, Joanna Kuenssberg O'Sullivan promove Portugal como uma plataforma para chegar a Angola e ao Brasil. Por **Pedro Fonseca de Castro** (texto) e **Victor Machado** (fotos)

Que oportunidades de investimento é que o Reino Unido oferece neste momento às empresas portuguesas?

No Reino Unido, existem oportunidades em muitas áreas, como as energias renováveis, o software e todas as actividades relacionadas com a reciclagem e a gestão de resíduos domésticos. Como vê, há uma gama muito variada de oportunidades de investimento.

Já existem projectos portugueses concretizados no terreno nos sectores que mencionou?

Sim, claramente. Há cerca de 80 empresas portuguesas com investimentos no Reino Unido, as quais, no ano passado, foram responsáveis por um volume de investimento global superior a 100 milhões de euros e por cerca de 2200 postos de trabalho no

país. Portugal é actualmente um dos dez maiores investidores instalados no Reino Unido.

Quais as vantagens que o Reino Unido oferece em relação a outros destinos de investimento?

Posso dizer-lhe que um relatório recente da Ernst & Young mostra que o Reino Unido é o mercado mais aberto da Europa em termos laborais e mesmo em termos fiscais. Neste âmbito, o último Orçamento do Estado, que recebeu a designação de "Orçamento para o Crescimento", introduz um programa de redução progressiva do imposto sobre as empresas, que vai baixar de 26% para 24% até 2015. Trata-se de um factor de atracção muito forte. Existem ainda créditos para as PME, que são muito importantes para os novos investidores.

A propósito, os investidores portugueses são sobretudo PME ou grandes empresas?

Uma mistura das duas coisas. Encontramos desde empresas muito pequenas até outras de grande dimensão, como a EDP ou a Logoplaste.

Além desses, há mais algum caso concreto que queira destacar?

O Banco Espírito Santo (BES), por exemplo, que acabou de investir numa empresa de serviços financeiros em Londres.

Que tipo de apoios é que a Embaixada Britânica oferece às empresas que se querem estabelecer no Reino Unido?

A nossa equipa comercial do UK Trade & Investment (UKTI) é uma das mais fortes da rede do Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico

em todo o mundo e actuamos de duas formas principais: por um lado, seguimos todos os desenvolvimentos no Reino Unido, para perceber o que acontece em Londres e noutras regiões do país, mantendo não só as redes de contactos com as empresas, mas também com as autoridades públicas britânicas. Por outro, fazemos um grande esforço para manter e estender a rede de contactos comerciais cá em Portugal. Seguimos o desenvolvimento do mercado português, procuramos perceber quais são as empresas susceptíveis de internacionalização, que têm um interesse geral na internacionalização e para as quais o Reino Unido pode ser um mercado interessante.

Contactam directamente as empresas ou a iniciativa parte dos potenciais investidores?

Sim, contactamos de uma forma pró-activa. Verificam-se as duas situações.

Os UKTI Business Awards são o pretexto para esta conversa. Pode falar-nos um pouco das empresas premiadas este ano?

Tratou-se da quarta edição dos prémios, que constituem já um evento bem conhecido em Portugal. Os UKTI Business Awards são cada vez mais apreciados e a intenção consiste em reconhecer e agradecer de uma forma concreta às empresas portuguesas que estão a investir no Reino Unido. Há várias categorias, para os novos investidores, para investidores com uma perspectiva muito internacional, para diferentes sectores, orientadas para a sustentabilidade. Como pode verificar na lista de premiados de 2011, encontramos desde o Banco Espírito Santo In-



vestimento (BESI) a muitas pequenas empresas. [VER CAIXA](#)

A partir dos premiados nas quatro edições, é possível identificar alguma evolução no tipo de investimento das empresas portuguesas? Há sectores que se confirmam, tais como as energias renováveis, as tecnologias da informação e comunicação (TIC), todas as áreas tecnológicas, mantêm-se essa tendência. Na última edição, tivemos a estreia das indústrias criativas, que vemos com muito potencial para o futuro. As indústrias criativas assumiram-se como a principal diferença deste ano, afirmando-se como uma área onde se verifica um interesse crescente. No geral, mantêm-se nas várias edições as empresas de base tecnológica.

Quem são os maiores investidores britânicos em Portugal?

Temos vários, como o Barclays, que desenvolveu muito o seu investimento em Portugal nos últimos três anos, ou a Logica, que mantém uma parceria muito forte com a EDP. De resto, na sua última visita, o príncipe Carlos aproveitou para se deslocar a Évora e se inteirar do projecto "Inovcity", liderado pela EDP em parceria com a Logica e que visa diminuir a utilização de energia eléctrica por parte dos consumidores. Estamos a falar de software desenvolvido pela Logica para um projecto muito interessante da EDP. Vamos agora trabalhar com a Logica e a EDP para ver as oportunidades de aplicação deste projecto no Reino Unido.

Falou em 100 milhões de euros investidos por empresas portuguesas no Reino Unido. Pode avançar-nos os números de investimento em sentido inverso?

Estamos a falar num total de 4,8 mil milhões de euros investidos por empresas britânicas em Portugal ao longo de 2010.

Estamos perante dois países com graves problemas de défice orçamental e que estão a adoptar medidas de austeridade. Esta realidade afectou o volume de investimento bilateral?

Tanto nós como a Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP) continuamos a analisar as possibilidades de internacionalização das empresas. Por exemplo, a nossa equipa comercial

Unido, com os EUA, a Arábia Saudita e outros países. Há uma troca de sentido de plataforma para diversificar, para alargar os interesses de cada país.

Prevê que esse interesse estratégico que acaba de descrever se venha a sobrepor à crise?

Vamos ver, vamos ver. Entre 2009 e 2010, verificou-se uma evolução muito importante.

Como é que se caracteriza a balança comercial entre os dois países?

Para nós, Portugal foi o 11.º mercado da Europa em termos de exportações e o 30.º no mundo em 2009/2010. O nível de exportações britânicas para Portugal foi de 1,7 mil milhões de libras (1,92 mil milhões de euros). De acordo com as estatísticas divulgadas pela AICEP, o Reino Unido é o quinto maior mercado de Portugal, com uma quota de 5,5%, e o seu sétimo principal fornecedor, com uma fatia de 3,8% do total. A tendência do ano passado foi muito forte, com as exportações do Reino Unido para Portugal a subirem 18% e de Portugal para o Reino Unido a crescerem 23%. A tendência é muito positiva.

Se bem entendi, o principal factor de atracção de Portugal para o investimento britânico é o seu papel de plataforma para os mercados lusófonos...

É uma atracção muito forte, como são também as competências existentes no mercado português. A Logica, por exemplo, desenvolveu o software para a EDP cá em Portugal. Trata-se de um exemplo excelente do potencial do mercado doméstico na criação de produtos inovadores e passíveis de exportação.

Quais as dificuldades que as empresas britânicas encontram em Portugal?

O acesso ao financiamento é um obstáculo para todas as empresas em Portugal. No entanto, com o apoio da nossa equipa, penso que a entrada neste mercado não é muito complicada.

O surgimento nos últimos anos de personalidades portuguesas de sucesso no Reino Unido, como José Mourinho ou António Horta Osório, pode ajudar a melhorar a imagem do país?

É uma pergunta muito interessante. É verdade que nomes como os que referiu e ainda outros, como Cristia-

UKTI BUSINESS AWARDS IV EDIÇÃO 2010/2011

VENCEDORES

Business Internationalisation Awards

Anubis Networks: especializada em soluções de segurança para managed service providers, carriers e Internet service providers. Está presente no Reino Unido desde 2010, com uma equipa em Manchester. Conta com mais de 400 clientes, actuando nos sectores das telecomunicações, educação, público e financeiro.

Martifer Solar: oferece soluções solares fotovoltaicas. Presente em 9 países, acrescenta agora o Reino Unido ao seu portefólio, um mercado que se tornou atractivo em consequência dos incentivos à microgeração.

ShadowSec: empresa de formação especializada que actua na segurança da informação. Estabeleceu-se este ano no Reino Unido. Birmingham recebe a primeira sessão de formação NEXT em Maio.

Solidal: produtora de cabos e fornecedora de soluções de transporte e distribuição de energia eléctrica. Aposta no Reino Unido com uma presença comercial directa através da Quintas Solidal UK.

Vortal: empresa líder em plataformas electrónicas sobre Internet que conta com mais de 3300 clientes. Sedeada em Lisboa, tem escritórios no Porto, Madrid e, mais recentemente, no Reino Unido.

Zeppelin Filmes: actua na área da animação cinematográfica e audiovisual. No quadro do seu processo de internacionalização, abriu um estúdio de animação em Londres, sob a denominação Sparkle Animation.

Business Expansion Awards

BES Investimento: reforçou a sua posição com a aquisição de 50,1% do grupo de corretagem britânico Execution Noble.

Critical Software: fornece soluções, serviços e tecnologias para processos críticos de negócio. Expandiu a sua actividade no Reino Unido com uma segunda unidade em Yeovil.

Logoplaste: produz embalagens de plástico, gere 60 fábricas em 17 países e assinou um acordo para fabricar as embalagens das bebidas "Ribena" e "Lucozade", produzidas pela GlaxoSmithKline (GSK) no Reino Unido. O acordo prevê a construção de uma unidade hole-in-the-wall em Gloucestershire.

RAR/Vitacress: marca presença no Reino Unido no sector das embalagens através da COLLEP CCL e no sector alimentar com as empresas Wight Salads e Vitacress Salads. A Vitacress lidera a produção e comercialização de saladas baby leaf em Portugal e no Reino Unido. Adquiriu a Van Heyningen Brothers Limited (VHB) em 2010.

Global Partnership Award

WS Energia: oferece soluções na área solar fotovoltaica. Estabelece uma colaboração de I&D com o Narec, centro de investigação britânico que promove a integração na rede de energias renováveis e de baixo carbono.

Os UKTI Business Awards foram criados em Portugal em 2008, tendo-se realizado este ano a IV edição. A iniciativa distingue anualmente empresas portuguesas que, com o acompanhamento do UK Trade & Investment (UKTI), investem no Reino Unido.

te grande numa área específica de Londres, com as suas pastelarias, com televisores sempre ligados nos canais portugueses, chamada Little Lisbon.

A população portuguesa começa a ser reconhecida, especialmente em Londres. No resto do país, já não tenho tanta certeza. É uma população com um contributo importante, há muitos jovens a trabalharem na City em empresas de serviços financeiros.

Mas a realidade que acaba de descrever ainda não tem influência ao nível do investimento...

Em termos de investimento, acho que ainda não muda a paisagem. A sede do UKTI em Londres tem vindo a receber e a acompanhar projectos de Portugal e tem sido reconhecida a qualidade dos projectos portugueses. É verdade que muitos podem não ser megaprojectos, mas a qualidade das tecnologias, a qualidade dos projectos que chegam ao Reino Unido é inegável. O UK Trade & Investment reconhece que o investimento das empresas portuguesas se distingue pela qualidade, tem um nível de sucesso maior do que a dimensão do país. Sendo uma economia pequena, os seus investimentos utilizam mesmo o Reino Unido como uma plataforma para a internacionalização. Há um reconhecimento da qualidade das tecnologias portuguesas e das empresas portuguesas.

A percepção do UKTI é de que cada vez mais chegam projectos interessantes. Este é um trabalho feito pouco a pouco pelas próprias empresas, como, por exemplo, a Vision Box, que fornece sistemas de reconhecimento para os aeroportos. No fundo, são pequenas empresas que vão ganhando notoriedade, contribuindo para mudar a imagem de Portugal no Reino Unido.



apresenta Portugal como uma plataforma potencial para as empresas britânicas chegarem a Angola, Brasil, Moçambique e outros países lusófonos. Da mesma forma, as empresas portuguesas têm interesse em chegar aos mercados que têm relações mais estreitas com o Reino

no Ronaldo, ajudaram a criar uma perspectiva muito moderna do que é Portugal, muito mais do que o turismo, que para os britânicos ainda é o principal factor de contacto com o país, uma situação que julgo que se irá manter. Existe ainda a população portuguesa relativamen-